

## **LGBTFOBIA, VIOLÊNCIA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: MAPEANDO A VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS LGBT'S NO RIO GRANDE DO NORTE**

Autor (1) Rebecka de França; Co-autor (2) Jean Claude de Souza Gomes; Co-autor (3) João Paulo Teixeira Viana.

*Autor<sup>1</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte; Co-autor<sup>2</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte; Co-autor<sup>3</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte*

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo expor os discursos acerca das questões relacionadas a Violência, LGBTfobia, preconceito e discriminação contra pessoas LGBT's, onde visa propor uma análise de indicadores construídos a partir do projeto de pesquisa intitulado pelo a mesma temática deste artigo. A pesquisa apresenta como justificativa central em trazer essa problemática para discussão no ambiente acadêmico. Como meios metodológicos foram utilizados a pesquisa referencial e bibliográfica nos poucos artigos e postulados referente a temática. O artigo está desenvolvido em aspectos acerca da violência no Brasil, a invisibilidade desta questão e um tópico destinado ao projeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** LGBTfobia. Violência. Mapeamento.

### **INTRODUÇÃO**

A violência moral, física e a exclusão, contra a população LGBT é uma realidade latente. A sociedade, organizada em dois gêneros: masculino e feminino, bipolarizada e com funções socialmente definidas, marginaliza quem subverte a essa “ordem”, isso, por si só já é uma violência. A LGBTfobia, se tornam cada vez mais presente na sociedade atual, até porque esse grupo de pessoas, não têm como ficar “fechada em seu armário”, uma vez que o próprio corpo já traduz que eles são. Segundo pontua Cabral et al (2013), o Brasil é apontado como sendo um dos principais países, onde homossexuais são assassinados. Somos a nação que mais mata pessoas trans no mundo, conforme aponta Levy e Zanettini (2016).

A invisibilidade e o silêncio é uma realidade até mesmo nos meios acadêmicos, onde as discussões sobre o gênero e os trabalhos acadêmicos sobre a população LGBT, ainda estão nas sombras, ou mesmo encerrada na prostituição. Conforme pontua Cabral et al (2013, p. 120), “pode-se afirmar que há um rechaço à temática, que vem sendo enfrentada por dois importantes ramos epistemológicos da geografia mundial: as abordagens pós-estruturalistas das geografias feministas e as geografias queer”. Ainda a esse respeito, os autores pontuam que “no Brasil, a temática é

incipiente e evolui a passos lentos, apesar do avanço percebido nos últimos anos na geografia brasileira”.

É nesse quadro de referência que o presente projeto tem por intuito mapear as condutas criminais, referenciadas em estatísticas de suicídios, violências diárias e violação de direitos da população trans, no Rio Grande do Norte, com fins na visibilidade e nos direitos humanos das pessoas LGBT’s. Ademais, pretende-se contribuir nas pesquisas e discussões sobre identidade de gênero.

A necessidade do fortalecimento, do empoderamento e da conscientização para uma sociedade mais tolerante e com respeito às diferenças é uma necessidade urgente. As violações dos direitos humanos vividas pela população LGBT’s deve repercutir como forma de superação dessa problemática. Nesse sentido, se torna relevante identificar a violência sofrida por essas pessoas, mapeando os locais onde acontecem e traçando o perfil da população como forma de contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para a população LGBT.

As estatísticas que envolvem as pessoas LGBTs são desestimulantes, pois, segundo a Rede Trans (2016), em todo o país, foram contabilizados, só em 2016, cerca de 143 assassinatos, 52 tentativas de assassinatos, 12 casos de suicídios e 54 violações a direitos humanos, violências estas quase sempre ocultadas pela mídia e negligenciada pelos governos municipais, estaduais e federal. Nesse sentido a proposta de pesquisa justifica-se diante da relevância e da necessidade de estudos que contribuam para a discussão sobre gênero, o empoderamento e visibilidade da população LGBT e a LGBTfobia que os envolve. Por meio dos seus resultados pode-se planejar políticas públicas voltadas para esse público, bem como mapear as áreas de ocorrência.

Segundo o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, de 2012, “o homicídio é apenas uma das violências entre uma constelação de outras consideradas ‘menores’, como discriminações e agressões verbais e físicas dos mais variados tipos”. Para a Organização Mundial da Saúde, “a violência apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente” (CABRAL *et al*, 2013, p. 122).

No entanto, só ganha certa relevância na mídia quando envolve assassinato e, mesmo assim, nem sempre tipificado como violência contra gênero ou LGBTfobia.

Em âmbito nacional, há uma grande referência na área de geografia, considerada um expoente na educação pelo trabalho realizado à frente da contabilidade de condutas criminais, referenciadas em estatísticas de suicídios, violências diárias e violação de direitos da população trans no site da Rede Trans– a professora Sayonara Nogueira, de Uberlândia/MG. A referida professora inspira muitas pessoas no Brasil e considera que o país vivência hoje um triste cenário, complexo e contraditório. A esse respeito, o Relatório sobre violência homofóbica no Brasil, relata:

O Brasil vive ultimamente um movimento paradigmático em relação aos direitos humanos da população de transexuais e travestis. Se, por um lado, conquistam-se direitos historicamente protegidos por uma elite heteronormativa cisgênera e se aprofunda o debate público sobre a existência de outras formas de ser e se relacionar, por outro, se assiste à aterradora reação dessa mesma elite em sua vontade de perpetuar o alijamento desses sujeitos e de seus afetos. (BRASIL, 2012, p.9).

Apesar do aprofundamento dos debates sobre o tema em tela, a violência ainda está presente e ainda têm-se muito a avançar, pois, há necessidade do “enfrentamento ao preconceito, discriminação e exclusão que atingem transexuais, travestis, lésbicas, bissexuais e gays no país, por possibilitarem a visibilização, quantificação e comparação da realidade de violações dos direitos humanos”. (BRASIL, 2012, p. 10).

No entanto, se não bastassem os entraves enfrentados pelo país para entender, explicar e estudar o gênero das pessoas, ainda sobreveio os embates dos planos de educação municipais e estaduais, no estado do Rio Grande do Norte, onde alguns municípios (inclusive Natal, Mossoró, Caicó e outros municípios), deixou de incluir a discussão sobre gênero na educação básica. A decisão da maioria de nossos representantes no Legislativo só contribuiu para aumentar ainda mais o abismo que separa travestis e transexuais do seio educacional.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos propostos, será aplicada abordagem qualitativa e quantitativa através do mapeamento da violência, análise de documentos e denúncias coletadas *online*.

A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, afirma Godoy (1995). De acordo com Minayo e Coimbra Jr. (1993), a combinação dos métodos quantitativo e qualitativo produz a

triangulação metodológica, que, numa relação entre opostos complementares, busca a aproximação do positivismo e do compreensivíssimo. Assim, a triangulação é uma estratégia de pesquisa que contribui para aumentar o conhecimento sobre determinado tema, alcançar os objetivos traçados, observar e compreender a realidade estudada.

## **RESULTADOS**

Dentre os principais resultados estão na visibilidade e o debate que pretendesse evidenciar com a pesquisa, e que foi traduzida por meio de: Produção de artigos científicos, pois é necessário que esses estudos partam da academia, além disso, o estudo foca dentro da geografia, sendo que a produção destes matérias para o âmbito desta ciência é de grande importância. Apresentação dos resultados obtidos em eventos científicos (Encontros e Seminários Local, Nacional e Internacional); Organização de eventos: seminário e rodas de conversa, via NUPEG e NEGEDI, com vistas à socialização dos dados e conhecimentos adquiridos; Organização de um canal de denúncia; Elaboração do relatório final.

## **CONCLUSÕES**

A violência e violação dos Direitos das pessoas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) é uma realidade cada vez mais presente no país. Atualmente, vivencia-se no Brasil um movimento complexo e contraditório, mesmo paradoxal, onde, ao mesmo tempo em que se conquistam direitos, observa-se o aumento da violência e o alijamento ao direito de ir e vir da população LGBT, mesmo que seja de forma velada.

O Brasil é um país heteronormativo, onde o que foge da realidade dita como “normal” é tido como “errado”, assim a população LGBT muitas vezes são excluídas de todas as práticas sociais que as integrariam na sociedade, inclusive família, escola, trabalho e lazer, sofrendo com a LGBTfobia com diferentes espécies de abusos e discriminações que costumam serem agravados por outras formas de violências, ódio e exclusão.

Nesse sentido, torna-se imprescindível promover e defender, de forma contínua, o Direito da população LGBT, dando visibilidade e ao mesmo tempo identificando onde ocorre, o porquê ocorre e o perfil dessas pessoas. Para tanto o objetivo deste projeto é contabilizar e mapear as condutas

criminais, referenciadas em estatísticas de suicídios, violências diárias e violação de direitos da população LGBT, no Rio Grande do Norte.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreza de Oliveira; RIBEIRO, Josiane Maria de C.; DINIZ, Maria I.; QUEIROZ, Fernanda Marquez de.; SANTOS, Luana Paula M. (Orgs). **Feminismo, gênero e sexualidade: diálogos contemporâneos**. Mossoró/RN: Edições UERN, 2016.

BAGOAS. **Revista de estudos gays**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. V. 1, n. 1 jul./dez. 2007). Natal: EDUFRN, 207.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2ª edição – Natal: EDUFRN. 2014.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em 19/01/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Gestão estratégica e participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Relatório do Seminário Nacional de Saúde LGBT, I** / Ministério da Saúde. Secretária de Gestão estratégica e participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa – Brasília: Ministério da Saúde 2015. 200p. : II.

CABRAL, Vinicius. ORNAT, Marcio J. SILVA, Joseli M. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná - Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p.118-135, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GRUPO ESPERANÇA. **Direito Humanos: Brasil sem transfobia**. Curitiba: Grupo Esperança, s/d. Lei nº 8.225, de 12 de 08 de 2002 “Institui o Serviço Disque Defesa Homossexual de Combate à Violência Contra os Homossexuais, Lésbicas e Travestis no Estado do Rio Grande do Norte, e dá outras providências”.

LEVY, Nathalia Levy; ZANETTINI, Germana. **Como a LGBTfobia se esconde no Brasil?**. 2016. Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/como-lgbtfobia-se-esconde-no-brasil-huffpost-brasil-com-caj/#gs>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Ewerton Santana. LARA, Sheila Vieira. **Alternativas de mercado de trabalho para as travestis de Aracaju**. Ministério da Justiça, Secretaria de estado dos Direitos Humanos, departamento de promoção dos direitos humanos, financiamento convênio Nº 207/ 2002 SEDH/MJ.

NOGUEIRA, Sayonara. **A geografia dos corpos das Travestis e Transexuais**. Uberlândia - MG. Disponível em: <[redetransbrasil.org/artigos-e-noticias.html](http://redetransbrasil.org/artigos-e-noticias.html)>. Acesso em: 11/12/2016.

**Resolução dos parâmetros para garantia das condições de permanência para travestis e transexuais na escolas/universidades**. Disponível em: <[www.sdh.gov.br](http://www.sdh.gov.br)>. Acesso em: 14/12/2016.

**Rede Nacional de Pessoas Trans – REDE TRANS**. Disponível em: <[redetransbrasil.org/index.html](http://redetransbrasil.org/index.html)>. Acesso em 14/12/2016.